

## A normalização da barbárie



Por **RAFAEL R. IORIS\***

### *O andamento da pandemia da Covid-19 no Brasil e nos EUA*

A nova versão de coronavírus (Covid-19), que vem se disseminando ao redor do mundo nos últimos meses, tem forçado novos arranjos produtivos, políticos e culturais como talvez somente tenha ocorrido ao final da Segunda Guerra Mundial. Cadeias produtivas globais foram suspensas, rotinas de trabalho e ensino tiveram de ser rapidamente reinventadas, medidas de ajuda econômica por meio de gastos públicos assumiram nova relevância na agenda parlamentar da maioria dos países, e o próprio convívio social e mesmo familiar teve que se reorganizar como talvez somente tenha ocorrido quando da ocorrência da chamada Gripe Espanhola há cerca de cem anos.

Vírus de altíssima e traiçoeira transmissibilidade, o Covid-19 teve como meio inicial de propagação viajantes de maior porte aquisitivo, cujas visitas internacionais, especialmente à China, permitiram a rápida expansão da contaminação em níveis globais nunca antes vistos. Mas se no início, especialmente no Brasil, os primeiros infectados e vítimas foram pessoas das classes médias altas, que voltavam de viagens à Europa e se congregavam em casamentos cinematográficos em recantos turísticos exclusivos, foram seus serviços que rapidamente passaram a aumentar as cifras de mortos da nova pandemia.

Agregando infâmia à tragédia, nos EUA e no Brasil, dois dos maiores países do mundo, a expansão do Covid-19 tem se definido por desmandos administrativos, narrativas negacionistas e conspiratórias disseminadas por apoiadores dos grupos neofascistas no poder e, por fim, pelas profundas desigualdades sócio-econômicas e raciais de cada nação. Os Estados Unidos tem hoje um quarto do números de casos do mundo (apesar de ter somente 5% da população mundial), assim como o maior número de mortes ligadas ao novo vírus: mais de 150 mil vítimas, três vezes mais do que o país perdeu ao longo dos 10 anos da Guerra do Vietnam, conflito que tanto marcou a história recente daquela nação. Na inglória segunda posição, a *terra brasili*s já perdeu mais de 80 mil pessoas por uma doença que, apesar de ser grave, certamente não precisava ter adquirido tal magnitude.

Inicialmente, os principais líderes de cada sociedade ou negaram a própria existência do novo vírus ou sistematicamente minimizaram a sua gravidade, signalizando, inclusive, para uma rápida resolução do problema por meio de remédios milagrosos, e atacando os que defendiam a necessidade de uma política firme de isolamento social amplo. "Precisamos liberar os estados", afirmou Trump. "Não podemos suportar o confinamento", disse repetidas vezes, Bolsonaro. E assim, com políticas descentralizadas e não efetivas de contenção do contágio, as mortes seguem aumentando em trajetórias paralelas que talvez ainda nem tenham assumido sua pior face. Mas certamente sabendo, no seu íntimo, que a pandemia não irá se resolver de maneira tão negligente e ideologicamente definida, por que teriam esses líderes insistido em manter tais posturas?

Para além da conhecida falta de sensibilidade humana dos dois presidentes, é certo que tanto um como o outro entendeu que, ainda que enormes, os números de mortes seriam aceitáveis e mesmo desprezados em meio às disputas ideológicas em curso em cada país. E ainda que Trump tenha perdido apoio, entre outras razões, dada a incompetência que vem pautado as ações do governo federal dos EUA frente a pandemia, é de difícil compreensão que mais de um terço do eleitorado norte-americano ainda o apoie, em muitos casos de maneira entusiasmada. Da mesma forma, Bolsonaro, quem apresentou um comportamento ainda mais irresponsável e teatralmente macabro frente à pandemia (indo abraçar apoiadores em manifestações públicas, por exemplo) parece, ele também, dispor de importantes margens de apoio popular. Como entender tão trágicos cenários?

# a terra é redonda

Ainda que toda forma de essencialismo deva ser evitada, parece claro que nenhuma sociedade vive impunemente séculos de tratamento desigual e opressivo da maioria ou, pelo menos, de significativas parcelas da sua população, na maior parte do tempo por meio de massacres, genocídios e especialmente, de maneira mais continuada, múltiplos sistemas de escravidão desenvolvimento ao longo do tempo.

Uma vez que a um grupo específico tenha sido dada, de diferentes maneiras, em especial, pela experiência colonial, uma posição de privilégio socio-econômico, político e cultural, todo um processo sofisticado e consistente de desumanização das parcelas populacionais excluídas é posto em prática. E embora as formas mais evidentes de tais mecanismos de exclusão estejam hoje em desuso, pelo menos na maioria dos casos, as sensibilidades (ou talvez, insensibilidades) que as mantêm, em especial o racismo, cultivadas ao longo de décadas, não são tão rapidamente eliminadas. E assim, é fato que mortes de pessoas negras ou pardas no Brasil, assim como nos EUA, não tem o mesmo valor do que as perdas de vidas de pessoas brancas.

Se assim não fosse, como explicar que enquanto negros e pardos tendem a morrer em mais da metade dos casos de contaminação pelo Covid-19, um terço das pessoas brancas sofrem o mesmo destino no Brasil. E se agregarmos escolaridade 'a comparação, o contraste é ainda mais dramático uma vez que pessoas negras ou pardas sem escolaridade morrem em mais de 80% dos casos de contágio, ao passo que entre brancos com nível superior, a taxa de mortalidade é de menos de 20% dos casos. Nos EUA, tais comparações não são muito diferentes, já que negros tem duas vezes mais chances de morrer pela contaminação do Covid-19 do que pessoas brancas.<sup>11</sup>

O que vivemos pois é um quadro onde, não obstante a exposição midiática diária do sofrimento de inúmeras vítimas e suas famílias, o que se tem experimentado, tanto nos EUA como no Brasil, é um processo de normalização gradativa de uma barbárie em curso. Números de mortes, apesar de obscenos, acabam sendo desumanizados, tornando-se estatísticas frias de uma tragédia humana que, apesar de proporções bíblicas, não mais choca, nem mobiliza quase ninguém.

Reverter esse quadro mórbido requer, em primeiro lugar, resgatar a noção fundamental da igualdade, em vida ou morte, de todos e de todas. Além disso, urge desconstruir a narrativa fatalista, cultivada pelos grupos no poder em cada país, de que esse cenário é inevitável e talvez mesmo passageiro.

Uma pandemia, por definição, é uma experiência de natureza coletiva. E embora ela não seja vivenciada de maneira democrática, não há como se minimizar seu impacto amplo a menos que haja uma visão de sociedade minimamente inclusiva, onde o comportamento coletivo ou nos engrandece, ou nos destrói de maneira definitiva.

\***Rafael R. Ioris** é professor da Universidade de Denver.

## Nota

---

[1]<https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2020/07/12/por-que-o-coronavirus-mata-mais-as-pessoas-negras-e-pobres-no-brasil-e-no-mundo.ghtml>